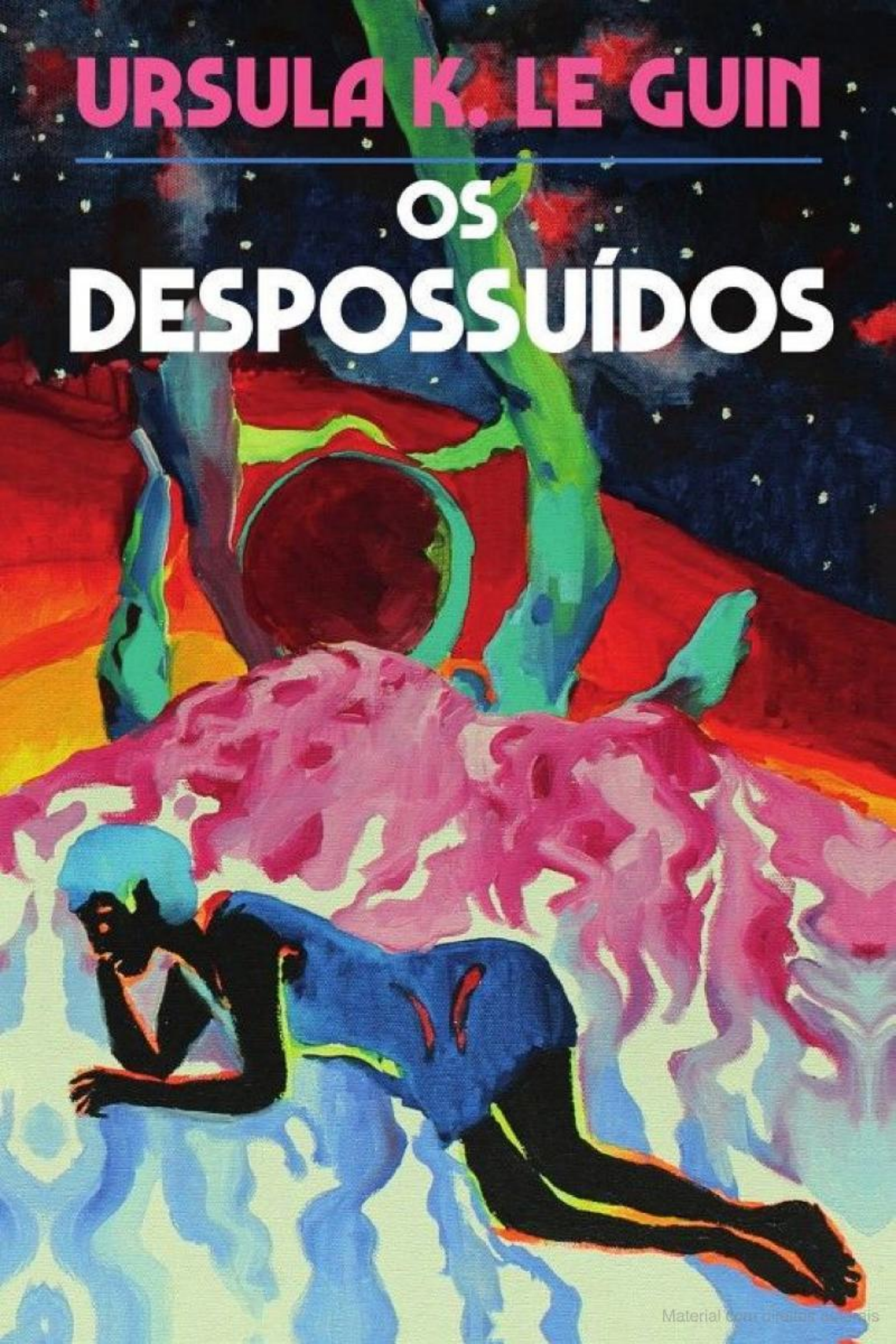


URSULA K. LE GUIN

**OS
DESPOSSUÍDOS**



Sumário

ooooo

MAPAS DOS PLANETAS

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CRÉDITOS

ANARRES



ANARRES



URRAS



HEMISFÉRIO ORIENTAL

URRAS



HEMISFÉRIO OCIDENTAL

1

ooooo

Havia um muro. Não parecia importante. Era feito de pedra bruta e argamassa grosseira. Um adulto conseguia olhar por cima dele, e até uma criança conseguia subir nele. No ponto em que atravessava a estrada, em vez de ter um portão, ele degenerava em mera geometria, uma linha, uma ideia de limite. Mas a ideia era real. Era importante. Por sete gerações não houve nada mais importante no mundo do que aquele muro.

Como todos os muros, era ambíguo, com dois lados. O que ficava dentro ou fora do muro dependia do lado em que se estava.

Visto de um lado, o muro encerrava um campo árido de sessenta acres, chamado Porto de Anarres. No campo havia dois grandes guindastes, uma plataforma de lançamento, uma garagem de caminhões e um alojamento. O alojamento era sólido, encardido e lúgubre; não tinha nenhum jardim, nenhuma criança; era evidente que ninguém vivia ali, nem sequer devia passar muito tempo ali. Era, na verdade, uma quarentena. O muro não cercava apenas o campo de pouso, mas também as naves que desciam do espaço, e os homens que vinham nas naves, e os mundos de onde vinham, e o resto do universo. O muro cercava o universo, deixando Anarres de fora, livre.

Visto do outro lado, o muro encerrava Anarres: o planeta inteiro estava dentro do muro, um grande campo de

prisioneiros, apartado de outros mundos e outros homens, em quarentena.

Algumas pessoas vinham pela estrada em direção ao campo de pouso, outras paravam no ponto em que a estrada cruzava o muro.

As pessoas vinham com frequência da cidade vizinha de Abbenay, na esperança de ver uma espaçonave, ou simplesmente ver o muro. Afinal, era o único muro divisório do mundo. Em nenhum outro lugar podiam ver uma placa com os dizeres *PASSAGEM PROIBIDA*. Adolescentes, em particular, eram atraídos pelo muro. Talvez conseguissem observar uma equipe descarregando engradados de caminhões-lagarta nos depósitos. Talvez até houvesse um cargueiro na plataforma de lançamento. Os cargueiros desciam oito vezes por ano, sem aviso, exceto aos síndicos em serviço no porto. Assim, quando os espectadores tiveram a sorte de ver um, animaram-se, a princípio. Mas lá ficaram eles, parados, e lá ficou o cargueiro, parado, uma torre preta agachada em meio a uma confusão de guindastes móveis, do outro lado do campo. E então uma mulher saiu de um dos depósitos e disse:

– Estamos encerrando por hoje, irmãos.

Ela usava a braçadeira da Defesa, uma visão quase tão rara quanto a de uma espaçonave. Aquilo causou certa emoção. Mas, embora seu tom de voz fosse brando, foi categórico. Ela era a chefe da equipe e, se provocada, seria defendida pelos síndicos. De qualquer forma, não havia nada para se ver. Os alienígenas, os fora-do-mundo, ficaram escondidos na nave. Sem espetáculo.

Foi um espetáculo sem graça para a equipe de Defesa também. Às vezes a chefe desejava que alguém tentasse

atravessar o muro, um tripulante alienígena pulando da nave, ou um garoto de Abbenay tentando uma entrada furtiva para ver o cargueiro mais de perto. Mas nunca aconteceu. Nada jamais aconteceu. Quando algo enfim aconteceu, ela não estava preparada.

O comandante do cargueiro *Atento* disse a ela:

– Aquela turba está atrás da minha nave?

A chefe olhou e viu que, de fato, havia uma verdadeira multidão em volta do portão, cem pessoas ou mais. Estavam por ali, paradas, do mesmo modo que as pessoas tinham ficado paradas nas estações, aguardando os trens de produtos agrícolas, durante a Fome. Aquilo assustou a chefe.

– Não. Eles, hã, protesto – ela disse, no iótico limitado e lento que sabia falar. – Protesto, hã, você sabe. Passageiro?

– Você quer dizer que eles estão atrás desse canalha que temos que levar? Eles vão tentar deter o homem ou a minha nave?

A palavra “canalha”, intraduzível no idioma da chefe, não significava nada para ela além de um termo estrangeiro, mas nunca gostou do som da palavra, nem do tom de voz do comandante, nem do comandante.

– Vocês conseguem se proteger sozinhos? – ela perguntou, lacônica.

– Claro que sim. É só você terminar de descarregar o resto da carga, rápido. E traga esse passageiro canalha a bordo. Não é uma turba de odos que vai causar problema para *nós*. – Ele bateu de leve na coisa que trazia no cinto, um objeto metálico parecido com um pênis deformado, e olhou com ar condescendente para a mulher desarmada.

Ela lançou para o objeto fálico, que sabia ser uma arma, um frio olhar.

– A nave estará carregada às 14h00 – ela disse. – Mantenha a tripulação de bordo segura. A decolagem será às 14h40. Se precisar de ajuda, deixe uma mensagem gravada no Controle Terrestre. – Ela saiu a passos largos antes de o comandante retrucar. A raiva deixou-a mais rígida com a equipe e com a multidão.

– Liberem a estrada aí! – ordenou. – Os caminhões vão passar, alguém pode se machucar. Afastem-se!

Os homens e as mulheres da multidão discutiram com ela e entre si. Continuaram a atravessar a estrada, e alguns entraram no muro. Mas deixaram o caminho mais ou menos livre. Se a chefe não tinha nenhuma experiência em controlar uma turba, eles não tinham nenhuma experiência em ser uma turba. Como membros de uma comunidade, não elementos de uma coletividade, não eram movidos pelo sentimento de massa; cada pessoa ali era regida por suas próprias emoções. E não esperavam que ordens fossem arbitrárias, então não tinham prática em desobedecê-las. A inexperiência deles salvou a vida do passageiro.

Alguns tinham vindo para matar o traidor. Outros tinham vindo impedir a sua partida, ou gritar-lhe insultos, ou apenas olhar para ele; e todos esses outros obstruíram a passagem abrupta dos assassinos. Nenhum deles portava armas de fogo, mas dois tinham facas. Para eles, ataque significava ataque físico; queriam pôr as próprias mãos no traidor. Esperavam que ele viesse protegido, num veículo. Enquanto tentavam revistar um caminhão de mercadorias e discutiam com o indignado motorista, o homem que todos queriam veio andando pela

estrada, sozinho. Quando o reconheceram, ele já estava no meio do campo, seguido por cinco síndicos da Defesa. Os que desejavam matá-lo recorreram à perseguição, tarde demais, e começaram a atirar pedras, não tão tarde. Atingiram de raspão o ombro do passageiro no momento em que ele entrava na nave, mas uma pedra de dois quilos acertou a lateral da cabeça de um dos membros da Defesa, matando-o na hora.

As escotilhas da nave se fecharam. A equipe da Defesa retornou, carregando o colega morto; não fizeram nenhum esforço para deter os líderes da multidão que corriam em direção à nave, embora a chefe, lívida de assombro e fúria, os tenha mandado para o inferno quando eles passaram correndo, dando uma guinada para evitá-la. Quando chegaram à nave, a vanguarda da multidão espalhou-se, indecisa. O silêncio da nave, os movimentos bruscos dos enormes e esqueléticos guindastes, a estranha aparência queimada do solo, a ausência de qualquer coisa em escala humana deixaram-nos desorientados. Uma rajada de vapor, ou gás, ou algo conectado à nave assustou alguns deles; apreensivos, ergueram os olhos para os foguetes, grandes túneis pretos acima. Uma sirene soou em alarme do outro lado do campo. Uma a uma, as pessoas começaram a retornar ao portão. Ninguém as deteve. Em dez minutos o campo estava vazio, e a multidão, espalhada pela estrada que ia a Abbenay. No fim, parecia que nada havia acontecido.

Dentro da nave *Atento*, muita coisa acontecia. Como o Controle Terrestre havia antecipado o lançamento, toda a rotina teve de ser cumprida às pressas. O comandante ordenara que o passageiro fosse amarrado e trancado na sala de descanso da tripulação, junto com o médico, para que não

atrapalhassem. Lá havia uma tela, e eles poderiam ver a decolagem, se quisessem.

O passageiro observava. Viu o campo, o muro em volta do campo e, do lado de fora do muro, as distantes encostas das Montanhas Ne Theras, salpicadas de arbustos de holum e espinhos-da-lua esparsos e prateados.

Tudo isso de repente deslizou na tela, turvando-a. O passageiro sentiu a cabeça pressionada contra o encosto almofadado. Era como uma consulta no dentista: a cabeça pressionada para trás, o maxilar aberto à força. Não conseguia respirar, sentiu náusea, sentiu o intestino solto de medo. Seu corpo inteiro gritava às poderosas forças que o dominaram: *Agora não, ainda não, esperem!*

Seus olhos o salvaram. O que insistiam em ver e relatar tirou-o do autismo de terror. Pois na tela agora havia uma estranha vista, uma grande e pálida planície rochosa. Era o deserto visto das montanhas acima do Vale Grande. Como ele voltara ao Vale Grande? Tentou se convencer de que estava numa aeronave. Não, numa espaçonave. A borda da planície cintilava como o brilho da luz na água, luz sobre um mar distante. Mas não havia água naqueles desertos. Então, o que ele estava vendo? A planície rochosa não era mais plana, mas convexa, como uma imensa tigela cheia de luz solar. Enquanto observava, maravilhado, ela ficou cada vez mais convexa, espalhando sua luz. De repente, foi atravessada por uma linha, abstrata, geométrica, o raio perfeito de um círculo. Além daquele arco, era a escuridão. Essa escuridão inverteu toda a imagem, tornando-a negativa. A parte real, rochosa da imagem não era mais côncava e cheia de luz, mas convexa, refletindo, rejeitando a luz. Não era uma planície ou uma tigela, mas uma

esfera, uma bola de pedra branca caindo e sumindo na escuridão. Era o seu mundo.

– Não entendo – ele disse em voz alta.

Alguém respondeu. Por um instante, não conseguiu compreender que a pessoa em pé ao lado de sua cadeira estava falando com ele, pois não sabia mais o que era uma resposta. Só tinha certeza de uma única coisa: seu total isolamento. Lá embaixo, seu mundo desaparecera, e ele ficou sozinho.

Sempre temera que isso acontecesse, mais do que jamais temera a própria morte. Morrer é perder o eu e unir-se ao resto. Ele mantivera o eu, mas perdera o resto.

Finalmente, pôde olhar para o homem em pé ao seu lado. Era um estranho, claro. Dali em diante, haveria apenas estranhos. O estranho falava uma língua estrangeira, o iótico. As palavras faziam sentido. Todas as coisas pequenas faziam sentido; só que a coisa toda, não. O homem dizia algo sobre as amarras que o seguravam à cadeira. Desajeitado, tentou apalpá-las. A cadeira inclinou-se para trás e ele, com vertigem e sem equilíbrio, quase caiu. O homem não parava de perguntar se alguém estava ferido. Do que estava falando?

– Tem certeza de que ele não está ferido?

Em iótico, a forma educada de se dirigir diretamente a alguém era na terceira pessoa. O homem queria dizer ele, ele mesmo, não outra pessoa. Não sabia por que deveria estar ferido; o homem não parava de dizer algo sobre pedras sendo atiradas. Mas a pedra nunca irá atingi-lo, pensou. Olhou de novo para a tela, procurando a pedra, a pedra branca caindo na escuridão, mas a tela estava vazia.

– Estou bem – disse por fim, ao acaso.

Isso não apaziguou o homem.

– Por favor, venha comigo. Sou médico.

– Estou bem.

– Por favor, venha comigo, dr. Shevek!

– O senhor é doutor – disse Shevek, após uma pausa. – Eu não. Eu me chamo Shevek.

O médico, um homem baixo, calvo, de pele clara, fez uma careta impaciente.

– O senhor deveria estar em sua cabine... perigo de infecção... não era para o senhor ter contato com ninguém além de mim. Passei por duas semanas de desinfecção para nada. Maldito seja esse comandante! Por favor, venha comigo, senhor. Vão me responsabilizar...

Shevek percebeu que o homenzinho estava perturbado. Não sentiu nenhuma compunção, nenhuma empatia; mas até mesmo na situação em que se encontrava, de absoluta solidão, uma lei se mantinha, a única lei que jamais reconhecera.

– Tudo bem – ele disse, e levantou-se.

Ainda se sentia zozzo, e o ombro direito lhe doía. Sabia que a nave devia estar se movendo, mas não havia sensação de movimento; havia apenas silêncio, um terrível e completo silêncio lá fora, além daquelas paredes. O médico o conduziu por silenciosos corredores metálicos até uma sala.

Era uma sala muito pequena, com paredes vazias e emendadas. Isso desagradou Shevek, por lembrá-lo de um lugar que queria esquecer. Parou à porta. Mas o médico insistiu e implorou, e ele entrou.

Sentou-se numa cama semelhante a uma prateleira, ainda se sentindo tonto e letárgico, e, incurioso, observou o médico. Sentiu que deveria estar curioso, pois aquele homem era o

primeiro urrasti que ele já tinha visto. Mas estava cansado demais. Poderia ter deitado e dormido ali mesmo, na hora.

Passara a noite anterior acordado, concluindo suas anotações. Três dias antes, despedira-se de Takver e das crianças, que foram para Paz-e-Fartura, e desde então estivera ocupado, correndo para a torre de rádio para trocar as últimas mensagens com as pessoas de Urras, discutindo planos e possibilidades com Bedap e os outros. Em todos aqueles dias corridos desde que Takver partira, sentira que não estava fazendo todas aquelas coisas, mas as coisas estavam fazendo por ele. Estivera nas mãos de outrem. Sua vontade própria não atuara. Não houvera necessidade de atuar. Foi sua própria vontade que dera início àquilo tudo, que criara aquele momento e aquelas paredes à sua volta agora. Fazia quanto tempo? Anos. Cinco anos atrás, no silêncio da noite, nas Montanhas de Chakar, quando dissera a Takver: “Vou a Abbenay derrubar muros”. Antes disso, até; muito antes, na Poeira, nos anos de fome e desespero, quando prometera a si mesmo só agir de acordo com seu próprio livre-arbítrio. E seguir essa promessa o trouxera até ali: até aquele momento sem tempo, aquele lugar sem chão, aquela saleta, aquela prisão.

O médico examinara seu ombro ferido (o ferimento surpreendeu Shevek; estivera tenso e apressado demais para perceber o que estava ocorrendo no campo de pouso e não sentiu a pedrada). Agora o doutor se voltava para ele segurando uma seringa.

– Não quero isso – disse Shevek. Falava num iótico lento e, como percebeu pelas conversas no rádio, mal pronunciado,

mas a gramática era correta o suficiente; tinha mais dificuldade em entender do que em falar.

– Isto é vacina contra sarampo – disse o médico, com surdez profissional.

– Não – disse Shevek.

O médico conteve-se por um instante e perguntou:

– O senhor sabe o que é sarampo?

– Não.

– Uma doença. Contagiosa. Quase sempre grave em adultos. Vocês não têm essa doença em Anarres; medidas profiláticas a evitaram quando colonizaram o planeta. Mas ela é comum em Urras. Poderia matá-lo. Assim como uma dezena de outras infecções virais comuns. O senhor não tem resistência. O senhor é destro?

Shevek fez um sinal negativo com a cabeça, automaticamente. Com a destreza de um prestidigitador, o médico enfiou a agulha em seu braço direito. Shevek submeteu-se a esta e a outras injeções em silêncio. Não tinha direito a suspeitas ou protestos. Entregara-se àquelas pessoas; abdicara de seu direito nato à decisão. Esse direito desaparecera, junto com seu mundo, o mundo da Promessa, a pedra árida.

O médico falou de novo, mas ele não escutou.

Por horas ou dias, existiu num vácuo estéril e triste, num vazio sem passado nem futuro. As paredes à sua volta o oprimiam. Além das paredes, era o silêncio. Seus braços e suas nádegas doíam por causa das injeções; teve uma febre que não o levou ao completo delírio, mas o deixou num limbo entre a consciência e a inconsciência, uma terra de ninguém. O tempo não passava. Não havia tempo: apenas ele. Ele era o rio, a

flecha, a pedra. Mas ele não se mexia. A pedra lançada pairava no meio do caminho. Não havia dia nem noite. Às vezes o médico apagava ou acendia a luz. Havia um relógio na parede, ao lado da cama; o ponteiro passava de um a outro dos vinte números do mostrador, sem significado.

Despertou após um longo e profundo sono e, como estava de frente para o relógio, estudou-o, sonolento. O ponteiro apontava para um pouco depois do número quinze, o que, se o mostrador fosse lido a partir da meia-noite como no relógio de vinte e quatro horas anarrestado, devia significar que estavam no meio da tarde. Mas como poderiam estar no meio da tarde no espaço entre dois planetas? Bem, a nave deveria ter seu próprio horário, afinal de contas. Equacionar tudo isso o deixou imensamente animado. Sentou-se e não sentiu vertigem. Levantou-se da cama e testou seu equilíbrio: satisfatório, embora sentisse que o contato da sola dos pés com o chão não fosse muito firme. O campo gravitacional da nave devia ser bem fraco. Não gostou muito da sensação; precisava de firmeza, de solidez, de fatos concretos. Em busca dessas coisas, iniciou uma minuciosa investigação da saleta.

As paredes vazias eram cheias de surpresas, prontas a se revelarem após um breve toque no painel: lavatório, vaso sanitário, espelho, mesa, cadeira, armário, prateleiras. Conectados ao lavatório, havia vários dispositivos elétricos de um mistério total, e a válvula hidráulica não interrompia o fluxo quando se soltava a torneira, mas continuava a jorrar água até ser fechada – um sinal, pensou Shevek, de grande fé na natureza humana ou de grande quantidade de água quente. Acreditando na segunda hipótese, lavou-se todo e, não encontrando uma toalha, secou-se com um dos misteriosos

dispositivos, de onde saía um agradável jato de ar quente que lhe fazia cócegas. Como não encontrou suas próprias roupas, tornou a vestir as que estava usando quando acordou: calças largas amarradas por um cordão e uma túnica sem forma, ambas amarelas com pontinhos azuis. Olhou-se no espelho. Achou o resultado desastroso. Era assim que se vestiam em Urras? Procurou em vão por um pente, contentou-se em fazer uma trança, prendendo os cabelos para trás, e, arrumado assim, decidiu sair do quarto.

Não conseguiu. A porta estava trancada.

A incredulidade inicial de Shevek tornou-se raiva, um tipo de raiva, um desejo cego de violência que ele jamais sentira antes na vida. Forçou a maçaneta imóvel, empurrou o metal liso da porta, depois se virou e golpeou o botão de chamada, que o médico lhe orientara a usar, se necessário. Nada aconteceu. Havia vários outros botõezinhos numerados de cores diferentes no painel de intercomunicação; bateu com a mão em todos eles. O alto-falante da parede começou a balbuciar:

– Quem diabos... sim, indo imediatamente... claro... de vinte e dois...

Shevek abafou a voz de todos eles:

– Abram a porta!

A porta abriu deslizando, e o médico olhou para dentro. Ao ver seu rosto calvo, ansioso e amarelado, a ira de Shevek acalmou-se e retirou-se para uma escuridão interior.

– A porta estava trancada – disse.

– Desculpe, dr. Shevek... precaução... contágio... manter os outros do lado de fora...

– Trancar para fora, trancar para dentro, é a mesma ação – disse Shevek, encarando o médico com um olhar leve e distante.

– Segurança...

– Segurança? Precisam me manter numa caixa?

– Sala de descanso dos oficiais – o médico apressou-se em propor, para apaziguá-lo. – O senhor está com fome? Talvez queira se vestir antes de irmos para lá.

Shevek olhou para a roupa do doutor: calças azuis justas, enfiadas em botas que pareciam tão finas e macias quanto o próprio tecido; uma túnica roxa aberta na frente e fechada embaixo com alamares prateados; e, sob a túnica, mostrando apenas o colarinho e os punhos, uma camisa de malha de um branco ofuscante.

– Não estou vestido? – Shevek enfim perguntou.

– Ah, pode ir de pijama, é claro. Não há formalidades num cargueiro!

– Pijama?

– É o que o senhor está usando. Roupa de dormir.

– Roupa usada para dormir?

– Sim.

Shevek piscou. Não fez nenhum comentário. Perguntou:

– Onde está a roupa que eu estava usando?

– Sua roupa? Mandei lavar... esterilizar. Espero que o senhor não se importe... – Examinou um painel na parede que Shevek não havia descoberto e trouxe um pacote embrulhado em papel verde-claro. Desembrulhou o terno velho de Shevek, que parecia muito limpo e um tanto menor, amassou o papel verde, ativou outro painel, jogou o papel no cesto que se abriu e sorriu vacilante.

- Pronto, dr. Shevek.
- O que acontece com o papel?
- O papel?
- O papel verde.
- Ah, coloquei no lixo.
- Lixo?
- Descarte. Vai ser queimado.
- Vocês queimam papel?

– Talvez seja apenas jogado lá fora no espaço, não sei. Não sou médico espacial, dr. Shevek. Concederam-me a honra de atender o senhor pela minha experiência com visitantes de outros mundos, os embaixadores de Terran e de Hain. Conduzo os procedimentos de descontaminação e adaptação de todos os alienígenas que chegam a A-lo. Não que o senhor seja um alienígena no mesmo sentido, é claro. – Olhou timidamente para Shevek, que não conseguia acompanhar tudo o que ele dizia, mas podia discernir a natureza ansiosa, modesta e bem-intencionada de suas palavras.

– Não – assegurou-lhe Shevek –, talvez tenhamos a mesma avó, duzentos anos atrás, em Urras. – Estava pondo sua roupa velha e, enquanto vestia a camisa pela cabeça, viu o médico jogar a “roupa de dormir” amarela e azul no cesto de “lixo”. Shevek fez uma pausa, com o colarinho ainda sobre o nariz. Sua cabeça saiu por inteiro da camisa, ele ajoelhou-se e abriu o cesto. Estava vazio.

– As roupas são queimadas?

– Ah, esse pijama é barato, é de serviço... para usar e jogar fora. Custa menos do que mandar lavar.

– Custa menos – Shevek repetiu pensativo. Disse as palavras do mesmo modo que um paleontólogo examina um fóssil, o

fóssil que determina a data de um estrato inteiro.

– Receio que sua bagagem tenha se perdido naquela correria do embarque. Espero que não contenha nada de importante.

– Eu não trouxe nada – disse Shevek. Embora seu terno tivesse sido alvejado até ficar quase branco e tivesse encolhido um pouco, ainda lhe servia, e o toque áspero e familiar do tecido de fibra de holum era agradável. Sentiu-se ele mesmo de novo. Sentou-se na cama de frente para o médico e disse:

– Veja bem, eu sei que vocês não encaram as coisas como nós. No seu mundo, em Urras, deve-se comprar coisas. Eu venho ao seu mundo sem dinheiro, não posso comprar, portanto devo trazer. Mas quanto posso trazer? Roupa, sim, talvez dois ternos. Mas comida? Como posso trazer comida suficiente? Não posso trazer, não posso comprar. Se for para me manterem vivo, vocês vão ter de me dar comida. Sou anarrestis, farei os urrastis se comportarem como anarrestis: dar, não vender. Se quiserem. É claro que não é necessário me manterem vivo! Sou o Mendigo, veja bem.

– Oh, não, em absoluto, senhor, não, não. O senhor é um convidado de honra. Por favor, não nos julgue pela tripulação desta nave, eles são homens muito ignorantes e limitados... o senhor não faz ideia de como será bem-vindo em Urras. Afinal, o senhor é um cientista mundialmente famoso... galacticamente famoso! E nosso primeiro visitante de Anarres! Eu lhe asseguro que as coisas serão muito diferentes quando chegarmos ao Campo Peier.

– Não duvido que serão diferentes – disse Shevek.

Cada trecho da viagem à lua em geral levava quatro dias e meio, mas desta vez foram acrescentados cinco dias de adaptação para o passageiro, na viagem de volta. Shevek e o dr. Kimoe passaram esses dias em vacinações e conversas. O comandante da *Atento* passou-os mantendo a órbita em torno de Urras e praguejando. Quando tinha de falar com Shevek, fazia-o com desrespeito perturbador. O médico, disposto a explicar tudo, tinha sua justificativa pronta:

– Ele está acostumado a encarar todos os estrangeiros como inferiores, não como seres totalmente humanos.

– A criação de pseudoespécies, como dizia Odo. Sim. Achei que talvez em Urras as pessoas não pensassem mais assim, já que lá vocês têm tantas línguas e nações, e até visitantes de outros sistemas solares.

– Muito poucos, pois as viagens interestelares são muito caras e lentas. Talvez não vá ser sempre assim – acrescentou o dr. Kimoe, com evidente intenção de lisonjear Shevek ou estender o assunto, o que Shevek ignorou.

– O Segundo Oficial – disse – parece ter medo de mim.

– Ah, o problema dele é fanatismo religioso. Ele é Epifanista ortodoxo. Recita as Primas todas as noites. Tem uma mente muito rígida.

– Então... Como ele me vê?

– Como um ateu perigoso.

– Ateu! Por quê?

– Ora, porque o senhor é um odoniano de Anarres... Não existe religião em Anarres.

– Não existe religião? Nós somos feitos de pedra em Anarres?

– Eu quero dizer religião estabelecida... igrejas, credos... – Kimoe alterava-se com facilidade. Sua autoconfiança enérgica, própria dos médicos, era continuamente abalada por Shevek. Todas as suas explicações acabavam em embaraços, após duas ou três perguntas de Shevek. Cada um deles considerava como naturais certas relações que o outro sequer conseguia compreender. Por exemplo, essa curiosa questão de superioridade, de altura relativa, era importante aos urrastis; muitas vezes usavam a expressão “mais alto” como sinônimo de “melhor” em seus escritos, onde um anarrestis usaria “mais central”. Mas o que ser mais alto tinha a ver com ser estrangeiro? Era apenas um dentre centenas de enigmas.

– Entendo – ele disse, agora que mais um enigma se elucidava. – Vocês não admitem nenhuma religião fora das igrejas, assim como não admitem nenhuma moralidade fora das leis. Sabe, eu nunca tinha entendido isso, em todas as minhas leituras dos livros urrastis.

– Bem, hoje em dia qualquer pessoa esclarecida admitiria...

– O vocabulário dificulta – disse Shevek, elaborando sua descoberta. – Em právico, a palavra *religião* é infrequente. Não, como vocês dizem... é rara. Não muito usada. Claro, é uma das Categorias: o Quarto Modo. Poucas pessoas aprendem a praticar todos os Modos. Mas os Modos são construídos a partir das capacidades naturais da mente. Não é possível que vocês acreditem que não temos capacidade religiosa. Que podemos estudar física estando excluídos da relação mais profunda que o homem possui com o cosmos.

– Oh, não, em absoluto...

– Isso seria nos considerar, de fato, uma pseudoespécie!

– Homens instruídos com certeza entenderiam isso, mas esses oficiais são ignorantes.

– Mas então vocês só permitem que os fanáticos saiam em viagens pelo cosmos?

Todas as conversas entre eles eram assim: exaustivas para o médico e insatisfatórias para Shevek, embora muito interessantes para ambos. Eram o único meio de Shevek explorar o novo mundo que o aguardava. A nave em si e a mente de Kimoe eram seu microcosmo. Não havia livros a bordo da *Atento*, os oficiais evitavam Shevek, e os tripulantes eram mantidos rigorosamente a distância. Quanto à mente do doutor, embora inteligente e com certeza bem-intencionada, era uma mixórdia de artefatos intelectuais ainda mais confusos que todos os dispositivos, aparelhos e comodidades espalhados pela nave. Estas últimas Shevek achava divertidas; era tudo tão cheio de luxo, estilo e inventividade; mas não achava a mobília do intelecto de Kimoe tão confortável. As ideias de Kimoe pareciam nunca ser capazes de seguir uma linha reta; tinham de contornar isso e evitar aquilo, e então acabavam batendo contra um muro. Havia muros cercando todos os seus pensamentos, e ele parecia totalmente inconsciente disso, embora sempre se escondesse atrás deles. Somente uma vez Shevek viu uma brecha, em todos os dias de conversa entre os mundos.

Ele perguntara por que não havia mulheres na nave, e Kimoe respondera que operar um cargueiro espacial não era trabalho para mulheres. Cursos de história e o conhecimento dos escritos de Odo deram a Shevek um contexto para compreender essa resposta tautológica, e ele não disse mais

nada. Mas o médico devolveu uma pergunta, uma pergunta sobre Anarres:

– É verdade, dr. Shevek, que as mulheres em sua sociedade são tratadas exatamente como homens?

– Isso seria desperdício de um bom material – disse Shevek, com uma risada, e depois uma segunda risada à medida que se dava conta do ridículo da ideia.

O médico hesitou, contornando um dos obstáculos de sua mente, pareceu aturdido e disse:

– Ah, não, não estava falando de sexo... é óbvio que vocês... elas... Eu me referia à questão do status social das mulheres.

– *Status* é o mesmo que *classe*?

Kimoe tentou explicar o significado de status, fracassou e voltou ao primeiro tópico.

– Não há mesmo nenhuma distinção entre o trabalho do homem e o trabalho da mulher?

– Bem, não, isso parece uma base muito mecânica para a divisão do trabalho, não é? Uma pessoa escolhe o trabalho de acordo com seu interesse, seu talento, sua força... O que o sexo tem a ver com isso?

– Os homens são fisicamente mais fortes – afirmou o médico, com determinação profissional.

– Sim, com frequência, e maiores, mas o que isso importa, quando temos máquinas? E, mesmo quando não temos máquinas, quando temos de cavar com a pá, ou carregar peso nas costas, os homens podem trabalhar mais rápido... os que são grandes... mas as mulheres aguentam trabalhar mais tempo... Muitas vezes eu gostaria de ser tão resistente quanto uma mulher.

Kimoe o fitou chocado, a ponto de perder a polidez.

– Mas a perda de... de toda a feminilidade... da delicadeza... e a perda da dignidade masculina... Certamente o senhor não pode fingir, no *seu* trabalho, que as mulheres sejam *iguais* ao senhor? Em física, matemática, no intelecto? O senhor não pode fingir estar sempre se rebaixando ao nível delas!

Shevek sentou-se na confortável cadeira estofada e olhou em volta da sala de descanso dos oficiais. Na tela, a curva brilhante de Urras pairava imóvel contra a escuridão do espaço, como uma opala azul-esverdeada. Aquela visão adorável e a sala haviam se tornado familiares a Shevek nos últimos dias, mas agora as cores vivas, as cadeiras curvilíneas, a iluminação indireta, as mesas de jogos, tudo pareceu tão alienígena como da primeira vez que ele tinha visto.

– Acho que não sou de fingir muito, Kimoe – disse.

– É claro que conheci mulheres muito inteligentes, mulheres que pensavam como homens – o médico se apressou a dizer, ciente de que estivera quase gritando, de que, pensou Shevek, estivera esmurrando a porta trancada, gritando...

Shevek mudou de assunto, mas continuou a pensar a respeito. Aquela questão de inferioridade e superioridade devia ser fundamental da vida social urrasti. Se para sentir-se digno Kimoe precisava considerar metade da raça humana inferior a ele, como as mulheres faziam para se sentir dignas? Será que consideravam os homens inferiores? E como tudo isso afetava a vida sexual deles? Sabia, pelos escritos de Odo, que duzentos anos antes as principais instituições sexuais eram o “casamento”, uma parceria autorizada e imposta por meio de sanções legais e econômicas, e a “prostituição”, que parecia apenas ser um termo mais amplo, cópula em modo econômico. Odo condenava ambas, embora tivesse sido

“casada”. De todo modo, as instituições talvez tivessem mudado bastante em duzentos anos. Já que ele iria viver em Urras com os urrastis, seria melhor descobrir.

Era estranho que até mesmo o sexo, fonte de tanta paz, deleite e alegria por anos a fio, pudesse, da noite para o dia, tornar-se um território desconhecido, onde ele deveria pisar com cuidado, consciente de sua própria ignorância. No entanto, era assim. Ele foi alertado não só pelo estranho acesso de raiva e desprezo de Kimoe, mas por uma vaga impressão anterior que esse episódio pôs em foco. Nos primeiros dias a bordo da nave, naquelas longas horas de febre e desespero, distraíra-se, às vezes satisfeito e às vezes irritado, com uma sensação inteiramente simples: a maciez da cama. Embora fosse apenas um beliche, o colchão cedia sob seu peso, maleável como uma carícia. O colchão entregava-se a ele, entregava-se com tanta insistência que ele sempre sentia, e ainda sente, sua presença ao adormecer. Tanto o prazer quanto a irritação eram decididamente de natureza erótica. Havia também o aparelho-toalha-bocal-de-ar-quente: o mesmo tipo de efeito. Cócegas agradáveis. E o desenho dos móveis dispostos na sala, as suaves curvas de plástico onde a dureza da madeira e aço foi introduzida à força, a suavidade e a delicadeza das superfícies e texturas: não seria isso também um indicativo de um erotismo vago e difuso? Ele se conhecia o suficiente para ter certeza de que estar alguns dias sem Takver, mesmo sob forte pressão, não o deixaria tão excitado a ponto de sentir uma mulher em qualquer tampo de mesa. A menos que a mulher realmente estivesse ali.

Seriam os marceneiros urrastis todos castos?

Desistiu da resposta; em breve descobriria, em Urras.

Pouco antes de se atarem para a descida, o médico veio até a sua cabine para verificar o progresso das várias imunizações, a última das quais, uma inoculação contra a peste, deixara Shevek enjoado e grogue. Kimoe deu-lhe mais um comprimido.

– Isso vai animá-lo para a aterrissagem – ele disse.

Estoicamente, Shevek engoliu a coisa. Agitado, o médico mexeu em seu estojo e, de repente, começou a falar rápido:

– Dr. Shevek, não espero ter permissão de atendê-lo de novo, embora seja possível, mas, se não, queria lhe dizer que foi, que eu, que foi um grande privilégio para mim. Não porque... mas porque passei a respeitar... a apreciar... simplesmente como ser humano, sua bondade, sua verdadeira bondade...

Não lhe ocorrendo resposta melhor, por conta de sua dor de cabeça, Shevek estendeu a mão e apertou a de Kimoe, dizendo:

– Então vamos nos encontrar de novo, irmão! – Kimoe apertou-lhe a mão, nervoso, no estilo urrasti, e saiu às pressas. Após sua saída, Shevek percebeu que lhe falara em právico, chamando-o de *ammarr*, irmão, numa língua que Kimoe não compreendia.

O alto-falante da parede balia ordens. Atado ao beliche, Shevek escutava, sentindo-se confuso e alheio. As sensações da entrada na atmosfera intensificaram a confusão; não tinha consciência de quase nada, exceto uma profunda esperança de não precisar vomitar. Só soube que tinham aterrissado quando Kimoe voltou correndo e o conduziu às pressas até a sala dos oficiais. A tela onde Urras pairara por tanto tempo, luminoso e envolto em nuvens espiraladas, estava em branco. A sala estava cheia de gente. De onde tinham vindo? Ficou surpreso e

satisfeito com sua capacidade de ficar de pé, andar e cumprimentar com apertos de mão. Concentrou-se apenas nisso e deixou escapar o sentido daquilo tudo. Vozes, sorrisos, mãos, palavras, nomes. Seu nome o tempo todo: dr. Shevek, dr. Shevek... Agora ele e todos os estranhos à sua volta desciam uma rampa coberta, todas as vozes muito altas, palavras ecoando além das paredes. O alarido das vozes diminuiu. Um ar estranho tocou seu rosto.

Olhava para cima e, ao sair da rampa em direção ao nível do solo, tropeçou e quase caiu. Pensou em morte, naquele hiato entre o início e a conclusão de um passo e, ao final do passo, pisou num novo mundo.

Uma noite clara e cinzenta o rodeava. Luzes azuis, embaçadas pela neblina, ardiam do outro lado de um campo enevoadado. O ar em seu rosto e suas mãos, nas narinas, garganta e pulmões era frio, úmido, perfumado, suave. Não era estranho. Era o ar de um planeta de onde sua raça viera. Era o ar de casa.

Alguém pegara em seu braço quando tropeçou. Refletores e *flashes* o iluminaram. Fotógrafos filmavam a cena para o noticiário. O Primeiro Homem Vindo da Lua: uma figura alta e frágil na multidão de dignitários, professores e agentes de segurança, os belos cabelos revoltos numa cabeça muito ereta (para que os fotógrafos pudessem capturar cada detalhe), como se ele tentasse olhar acima dos refletores, para o céu, o céu claro e nevoento que escondia as estrelas, a Lua e todos os outros mundos. Jornalistas tentavam atravessar os cordões de policiais.

– Poderia nos dar uma declaração, dr. Shevek, neste momento histórico?

Foram forçados a recuar no mesmo instante. Os homens à volta de Shevek o impeliam para a frente. Foi levado à limusine que o aguardava, fotografado até o último minuto, por conta de sua altura, seu cabelo longo e o estranho olhar de aflição e reconhecimento em seu rosto.

As torres da cidade elevavam-se em meio à névoa, grandes escadas de luz embaçada. Trens passavam no alto, riscos brilhantes guinchando. Imponentes paredes de pedra e vidro faceavam as ruas, acima da correria de carros e ônibus elétricos. Pedra, aço, vidro, luz elétrica. Nenhum rosto.

– Esta é Nio Esseia, dr. Shevek. Mas foi decidido que seria melhor mantê-lo afastado das multidões da cidade, por enquanto. Vamos direto para a universidade.

Havia cinco homens com ele no interior escuro e suavemente estofado do carro. Eles apontavam marcos, mas na névoa ele não sabia dizer qual prédio grande, vago e fugaz era a Alta Corte e qual era o Museu Nacional, qual o Diretório e qual o Senado. Cruzaram um rio ou estuário; os milhões de luzes de Nio Esseia, difusas pela névoa, tremeluziram na água escura atrás deles. A rodovia escureceu, a neblina adensou, o motorista diminuiu a velocidade do veículo. Os faróis iluminavam a bruma como se ela fosse um muro que não parava de recuar diante deles. Shevek inclinou-se um pouco para a frente, contemplando o lado de fora. Seus olhos não se fixavam em nada, nem sua mente, mas ele parecia reservado e circunspecto, e os outros homens falavam baixinho, em respeito ao seu silêncio.

O que seria a escuridão mais densa que fluía interminavelmente ao longo da estrada? Árvores? Poderia o

carro estar passando por entre árvores desde que saíram da cidade? A palavra iótica lhe veio à lembrança: “floresta”. Eles não chegariam de repente ao deserto. As árvores prosseguiram sem parar, na colina seguinte, e na seguinte, e na seguinte, eretas no frio perfumado da névoa, intermináveis, uma floresta pelo mundo inteiro, uma esforçada e imóvel interação de vidas, um movimento escuro de folhas na noite. Então, enquanto Shevek se maravilhava, enquanto o carro saía da névoa do vale do rio e entrava no ar claro, lá estava, olhando para ele, sob a folhagem que margeava a estrada, por um instante, um rosto.

Não era um rosto humano. Era comprido como um braço e de uma palidez assustadora. A respiração esguichava vapor do que deviam ser narinas, e havia um olho, terrível, inconfundível. Um olho grande e escuro, fúnebre – talvez cínico? –, que sumiu na luz dos faróis.

– O que era aquilo?

– Um jumento, não?

– Um animal?

– Sim, um animal. Meu Deus, é mesmo! Vocês não têm animais de grande porte em Anarres, têm?

– Um jumento é uma espécie de cavalo – disse um dos outros homens; e outro, com voz firme e experiente:

– Aquilo *era* um cavalo. Jumentos não ficam daquele tamanho.

Queriam conversar com Shevek, mas ele não ouvia, de novo. Pensava em Takver. Imaginou o que aquele olhar profundo, seco e sombrio na escuridão teria significado para Takver. Ela sempre soubera que todas as vidas têm algo em comum, alegrando-se em reconhecer seu parentesco com os

peixes nos tanques de seus laboratórios, buscando a experiência de existências fora dos limites humanos. Takver sabia corresponder àquele olhar na escuridão, sob as árvores.

– Lá adiante é Ieu Eun. Há uma multidão aguardando o senhor, dr. Shevek; o presidente e vários diretores, e o reitor, naturalmente. Todo tipo de figurão. Mas, se estiver cansado, acabamos com as amenidades o mais rápido possível.

As amenidades duraram várias horas. Nunca mais conseguiu se lembrar delas com clareza. Foi impelido para fora da pequena e escura caixa do carro em direção a uma imensa caixa brilhante cheia de gente – centenas de pessoas, sob um teto dourado de onde pendiam lustres de cristal. Foi apresentado a todas elas. Eram todas mais baixas que ele, e sem pelos. As poucas mulheres ali eram calvas; percebeu que elas deviam depilar todos os pelos, até o pelo corporal mais fino, macio e curto de sua raça, e o cabelo também. Mas isso era compensado pelas roupas maravilhosas, deslumbrantes no corte e nas cores, as mulheres em vestidos longos que se arrastavam no chão, os seios desnudos, cinturas, pescoços e cabeças enfeitados com joias, rendas e tules; os homens em calças e paletós ou túnicas em vermelho, azul, roxo, dourado, verde, com mangas bufantes e cascatas de rendas, ou longas becas em carmim, verde-escuro ou preto, que se abriam na altura dos joelhos, revelando as meias brancas com jarreteiras prateadas. Mais uma palavra iótica flutuou na cabeça de Shevek, para a qual jamais tivera uma referência, embora gostasse do som: “esplendor”. Aquelas pessoas tinham esplendor. Proferiram discursos. O presidente do Senado da

Nação de A-Io, um homem de olhos estranhos e frios, propôs um brinde:

– À nova era de fraternidade entre os Planetas Gêmeos e ao arauto dessa nova era, nosso ilustre e muito bem-vindo convidado, dr. Shevek de Anarres!

O reitor da universidade conversou com ele encantado, o primeiro diretor conversou com ele sério, foi apresentado a embaixadores, astronautas, físicos, políticos, dezenas de pessoas, todas com longos títulos honoríficos antes e depois dos nomes, e conversaram com ele, e ele lhes respondeu, mas depois não se lembrou de nada do que disseram, e muito menos do que ele próprio dissera. Muito tarde da noite, viu-se com um pequeno grupo de homens caminhando na chuva morna por um grande parque ou uma praça. Havia uma sensação flexível de grama viva sob os pés; reconheceu-a por já ter caminhado no Parque Triângulo, em Abbenay. Aquela lembrança vívida e o toque vasto e frio do vento noturno o despertaram. Sua alma saiu do esconderijo.

Seus acompanhantes levaram-no a um prédio, e a um quarto, que, explicaram, era “dele”.

Era amplo, com cerca de dez metros de comprimento e, evidentemente, um quarto comunitário, pois não havia divisões nem estrados de dormir; os três homens que ainda o acompanhavam talvez fossem dividir o cômodo com ele. Era um quarto comunitário muito bonito, com uma parede inteira de janelas, cada uma delas separada por uma coluna delgada que subia como uma árvore, formando um arco duplo no topo. O chão era atapetado em carmim, e no outro extremo do cômodo ardia uma lareira aberta. Shevek atravessou o quarto e postou-se em frente ao fogo. Nunca tinha visto madeira

queimada como aquecimento, mas ficou maravilhado. Estendeu as mãos para o calor agradável e sentou-se num banco de mármore polido ao lado da lareira.

O mais jovem dos homens que tinham vindo com ele sentou-se do outro lado da lareira. Os outros dois ainda conversavam. Conversavam sobre física, mas Shevek não tentou acompanhar o que diziam. O jovem falou calmamente:

– Imagino como deve estar se sentindo, dr. Shevek.

Shevek esticou as pernas e inclinou-se para a frente, a fim de sentir o calor do fogo em seu rosto.

– Sinto-me pesado.

– Pesado?

– Talvez a gravidade. Ou estou cansado.

Olhou para o outro homem, mas através da incandescência da lareira o rosto não era nítido, apenas a cintilação de uma corrente dourada e o vermelho-rubi do manto.

– Não sei o seu nome.

– Saio Pae.

– Ah, Pae, sim, conheço seus artigos sobre Paradoxo. – Ele falava de modo arrastado, sonhador.

– Deve haver um bar por aqui. Os dormitórios dos veteranos da faculdade sempre têm um armário de bebidas. Gostaria de beber alguma coisa?

– Sim, água.

O jovem reapareceu com um copo d'água, enquanto os outros dois uniam-se a eles perto da lareira. Shevek bebeu toda a água, sedento, e ficou sentado, admirando o copo em sua mão, uma peça frágil, finamente desenhada, refletindo o brilho do fogo em sua borda dourada. Estava atento aos três

homens, às suas atitudes, enquanto sentavam ou se punham de pé ao seu lado, protetores, respeitosos, proprietários.

Ergueu os olhos para eles, rosto por rosto. Todos o olharam, em expectativa.

– Bem, aqui estou – ele disse. Sorriu. – Aqui está o seu anarquista. O que farão com ele?

2

ooooo

Numa janela quadrada numa parede branca está o céu claro, sem nuvens. No centro do céu, o sol.

Há onze bebês na sala, a maioria confinada em berços almofadados, em pares ou trios, preparando-se, com agitação e burburinho, para a soneca.

Os dois mais velhos ainda estão à solta, um deles gorducho e ativo, tirando os pinos de uma placa perfurada, o outro magrinho, sentado no quadrado de luz solar amarela vinda da janela, olhando para os raios solares com uma expressão abobalhada e ingênua.

Na antessala, a supervisora, uma mulher caolha e de cabelo grisalho, conversa com um homem de 30 anos, alto, com ar triste.

– A mãe dele foi transferida para Abbenay – diz o homem. – Ela quer que ele fique aqui.

– Então devemos levá-lo à creche de período integral, Palat?

– Sim, vou voltar para um dormitório.

– Não se preocupe, ele conhece todo mundo aqui! Mas é claro que em breve a Divlab vai mandar você para junto da Rulag, não? Já que vocês dois são parceiros e engenheiros.

– Sim, mas ela... Foi o Instituto Central de Engenharia que a requisitou, entende? Eu não sou tão bom assim. Rulag tem um ótimo trabalho a fazer.

A supervisora assentiu com a cabeça e suspirou.

– Mesmo assim...! – ela disse, com energia, e não falou mais nada.

O olhar do pai dirigia-se ao bebê magrinho, que não notara a sua presença na antessala, por estar ocupado com a luz. O bebê gorducho, naquele instante, dirigia-se rápido para o magrinho, mas com um esquisito movimento de cócoras, devido à fralda molhada e caída. Aproximou-se dele por tédio ou sociabilidade, mas, ao chegar ao quadrado de luz, descobriu que ali estava quente. Sentou-se pesadamente ao lado do magrinho, empurrando-o para a sombra.

O semblante vago e embevecido do magrinho na mesma hora transformou-se em carranca de raiva. Empurrou o gordinho, gritando:

– Vai ‘bora!

A supervisora foi até lá na hora.

– Shev, não é para empurrar as pessoas.

O bebê magrinho levantou-se. Seu rosto brilhava de luz solar e raiva. Sua fralda estava prestes a cair.

– Meu! – ele disse, numa voz alta e retumbante. – Meu sol!

– Não é seu – disse a mulher caolha, com a indulgência da certeza absoluta. – Nada é seu. É para usar. É para compartilhar. Se você não quer compartilhar, não pode usar. – E ela pegou o bebê magrinho com mãos delicadas e inexoráveis e o sentou fora do quadrado de luz solar.

O bebê gorducho continuava sentado, olhando com indiferença. O magrinho sacudiu-se todo, gritando:

– Meu sol! – e caiu num choro raivoso.

O pai o pegou no colo e o abraçou.

– Ora, Shev – disse. – Que é isso? Você sabe que não pode ter as coisas. Qual o problema? – Sua voz era suave e tremia

como se ele também estivesse próximo das lágrimas. A criança magra, comprida e leve em seus braços prosseguia no choro colérico.

– Tem alguns que não conseguem tocar a vida com calma – disse a mulher caolha, em solidariedade.

– Vou levá-lo para uma visita domiciliar agora. A mãe vai partir hoje à noite.

– Tudo bem. Espero que você consiga logo um posto junto com ela – disse a supervisora, içando a criança gorducha ao seu quadril como um saco de cereal, com melancolia no rosto e dando uma piscadela no olho sadio. – Tchau, Shev, querido. Amanhã, escute, amanhã vamos brincar de caminhão e motorista.

O bebê ainda não a perdoara. Ele soluçava, apertando o pescoço do pai, na escuridão do sol perdido.

A orquestra precisava de todos os bancos para o ensaio daquela manhã, e o grupo de dança movimentava-se ruidosamente pelo salão do centro de aprendizagem, então as crianças que estudavam Falar-e-Ouvir sentaram-se em círculo no piso de cimento-espuma da oficina. O primeiro voluntário, um garoto magricela de 8 anos, com mãos e pés compridos, levantou-se. Ficou em pé bem ereto, como fazem as crianças saudáveis; a princípio, seu rosto ligeiramente coberto de penugem estava pálido, mas corou enquanto aguardava o silêncio das outras crianças.

– Pode falar, Shevek – disse o diretor do grupo.

– Bem, eu tive uma ideia.

– Mais alto – disse o diretor, um rapaz corpulento de 20 e poucos anos.

O garoto sorriu, envergonhado.

– Bem, sabe, eu estava pensando. Digamos que você jogue uma pedra em alguma coisa. Numa árvore. Você joga, ela voa e bate na árvore. Certo? Mas ela não pode. Porque... Posso usar a lousa? Veja, aqui é você jogando a pedra, e aqui é a árvore – ele rabiscou na lousa –, isso é uma árvore, e aqui está a pedra, veja, no meio do caminho. – As crianças soltaram risadinhas ao verem o desenho de um pé de holum, e ele sorriu. – Para ir de você até a árvore, a pedra precisa estar no meio do caminho entre você e a árvore, não é? E depois ela precisa estar no meio do caminho entre o meio do caminho e a árvore. E depois ela precisa estar no meio do caminho entre *esse ponto* e a árvore. Por mais longe que ela vá, tem sempre um lugar, só que esse lugar na verdade é um momento, que está a meio caminho entre o último ponto e a árvore...

– Vocês acham isso interessante? – interrompeu o diretor, dirigindo-se às outras crianças.

– *Por que* a pedra não pode chegar até a árvore? – perguntou uma garota de 10 anos.

– Porque ela sempre tem que chegar até a metade do caminho que falta para onde ela tem que chegar – respondeu Shevek –, e sempre tem a metade do caminho faltando... Entende?

– Podemos dizer apenas que você não mirou bem a árvore? – observou o diretor, com um sorriso tenso.

– Não importa se você mirou bem ou não. *A pedra não pode chegar até a árvore.*

– De onde você tirou essa ideia?

– De lugar nenhum. Eu entendi isso. Acho que entendi como a pedra faz realmente...

– Chega.

Algumas das outras crianças estavam conversando, mas pararam como se emudecidas de susto. O garotinho com a lousa na mão continuou em pé, em silêncio. Pareceu amedrontado e fez uma carranca.

– Falar é compartilhar... uma arte cooperativa. Você não está compartilhando, está apenas egoizando.

Os acordes agudos e vigorosos da orquestra soaram no corredor.

– Você não entendeu isso sozinho, não foi espontâneo. Eu li algo muito parecido com isso num livro.

Shevek encarou o diretor.

– Que livro? Tem esse livro aqui?

O diretor levantou-se. Tinha cerca do dobro da altura e o triplo do peso de seu oponente, e era evidente em seu rosto que ele detestava aquela criança; mas não havia nenhuma ameaça de violência física em sua postura, apenas uma afirmação de autoridade, um pouco enfraquecida por sua reação irritada à estranha pergunta do garoto.

– Não! E pare de egoizar! – Em seguida, retomou o tom de voz melodioso e pedante: – Esse tipo de coisa é frontalmente contra o que buscamos num grupo Falar-e-Ouvir. A fala é uma função de mão dupla. Shevek não está preparado para entender isso ainda, como a maioria de vocês está, e assim sua presença perturba o grupo. Você próprio sente isso, não é, Shevek? Sugiro que você procure outro grupo que esteja no seu nível.

Ninguém mais disse nada. O silêncio e o volume alto da música aguda prosseguiram, enquanto o garoto devolvia a lousa e saía do círculo. Foi até o corredor e ali ficou parado. O

grupo que deixou para trás começou, sob a orientação do diretor, uma narração coletiva, em que se revezavam. Shevek ouviu o som daquelas vozes domesticadas e do seu próprio coração, que ainda batia rápido. Havia um zumbido em seus ouvidos que não vinha da orquestra; era o que se ouve quando se reprime o choro. Já observara aquele zumbido várias vezes. Não gostava de ouvi-lo e não queria pensar na pedra e na árvore, então direcionou a mente para o Quadrado. Era feito de números, e números eram sempre tranquilos e sólidos; quando ele falhava, voltava-se para os números, pois neles não havia falhas. A visão do Quadrado em sua mente era nova, um desenho no espaço como os desenhos que a música faz no tempo: um quadrado dos nove primeiros números inteiros, com o número cinco no centro. Entretanto, quando se somavam as fileiras, o resultado era o mesmo, equilibrando toda a inequação; era agradável de olhar. Se ao menos pudesse formar um grupo que gostasse de falar sobre coisas assim! Mas havia apenas alguns garotos e garotas mais velhos que gostavam, e estavam ocupados. E o livro que o diretor mencionou? Seria um livro de números? Será que ele demonstrava como a pedra chegava até a árvore? Tinha sido burro em contar a brincadeira da pedra e da árvore, ninguém sequer entendeu que era uma brincadeira, o diretor estava certo. Sua cabeça doía. Olhou para dentro de si mesmo, para dentro, para as figuras calmas.

Se um livro fosse escrito só com números, seria verdadeiro. Seria justo. Nada expresso em palavras jamais resultava em algo equilibrado. Coisas em palavras tornavam-se distorcidas e embaralhadas, em vez de diretas e ajustadas. Mas, por baixo das palavras, no centro, como o centro do Quadrado, tudo se

equilibrava. Tudo poderia mudar e, no entanto, nada se perderia. Quem compreendesse os números compreenderia isso, a harmonia, o padrão. Compreenderia as fundações do mundo. E elas eram sólidas.

Shevek aprendera a esperar. Era bom nisso, um perito. Começou a desenvolver essa capacidade quando esperou sua mãe Rulag voltar, embora fizesse tanto tempo que nem se lembrava; e ele aperfeiçoara essa habilidade esperando sua vez, esperando para partilhar, esperando uma partilha. Aos 8 anos, ele perguntara *como*, *por que* e *e se*, mas raras vezes perguntava *quando*.

Esperou seu pai vir buscá-lo para uma visita domiciliar. Foi uma longa espera: seis décadas¹. Palat aceitara um posto temporário na manutenção da Usina de Tratamento de Água do Monte Tambor e, depois disso, passaria uma década na praia, em Malennin, onde iria nadar, descansar e copular com uma mulher chamada Pipar. Explicara tudo isso ao filho. Shevek confiava no pai, e ele merecia a confiança. Ao final dos sessenta dias, chegou ao dormitório infantil em Campina Vasta, um homem alto e magro, com um olhar mais triste do que nunca. Copular não era bem o que queria. O que ele queria era Rulag. Quando viu o garoto, sorriu e sua testa franziu-se de dor.

Sentiam prazer na companhia um do outro.

– Palat, você já viu algum livro só com números?

– Como assim, de matemática?

– Acho que sim.

– Como este?

Palat tirou um livro do bolso de sua túnica. Era pequeno, para ser levado no bolso e, como a maioria dos livros,

encadernado em verde com o Círculo da Vida estampado na capa. A impressão ocupava todos os espaços, com letras pequenas e margens estreitas, pois papel era uma substância que exigia muitas árvores holum e muito trabalho humano para ser fabricada, conforme sempre observava o fornecedor no centro de aprendizagem quando alguém estragava uma folha e pedia uma nova. Palat ofereceu o livro aberto para Shevek. A página dupla era uma série de colunas de números. Lá estavam eles, como ele havia imaginado. Em suas mãos recebeu o pacto da justiça eterna. Tabelas Logarítmicas, Bases 10 e 12, dizia o título da capa, acima do Círculo da Vida.

O garotinho estudou a primeira página por um instante.

– Para que servem? – perguntou, pois, evidentemente, aqueles algarismos não estavam ali apenas por sua beleza. O engenheiro, sentado ao lado dele num sofá duro do salão comum frio e mal iluminado do domicílio, incumbiu-se de lhe explicar os logaritmos. Dois velhos no outro lado do salão tagarelavam durante o jogo “Supere Todos”. Um casal adolescente entrou, perguntou se o quarto individual estava livre aquela noite e dirigiu-se para lá. A chuva caiu forte no telhado metálico do domicílio de um andar, e cessou. Nunca chovia por muito tempo. Palat pegou sua régua de cálculo e mostrou a Shevek como funcionava. Em troca, Shevek mostrou-lhe o Quadrado e o princípio de seu esquema. Era bem tarde quando perceberam que era tarde. Correram pela escuridão cheia de lama e do maravilhoso aroma de chuva até o dormitório infantil, onde levaram uma ligeira bronca do vigilante. Trocaram um beijo rápido, ambos tremendo de rir, e Shevek correu até a janela do grande dormitório, da qual pôde

ver o pai voltando pela única rua de Campina Vasta, no escuro úmido e elétrico.

O garoto foi para a cama com as pernas enlameadas, e sonhou. Sonhou que estava numa estrada que passava numa região deserta. Lá na frente, viu uma linha cortando a estrada. Ao se aproximar atravessando a planície, viu que era um muro. Ia de um lado a outro do horizonte da terra árida. Era espesso, escuro e muito alto. A estrada subia nele e se interrompia.

Ele tinha de prosseguir, mas não podia. O muro o impedia. Um medo com dor e raiva apoderou-se dele. Tinha de prosseguir, ou jamais conseguiria voltar para casa. Mas o muro estava ali, impassível. Não havia como.

Bateu com as mãos na superfície lisa e gritou com ele. Sua voz saía sem palavras, corvejando. Assustado com o som da própria voz, encolheu-se, e então ouviu uma outra voz, que dizia:

– Olhe! – Era a voz de seu pai. Teve a impressão de que sua mãe Rulag estava ali também, embora não a tenha visto (não se lembrava do rosto dela). Pareceu-lhe que ela e Palat estavam de quatro à sombra do muro e que eram mais volumosos que seres humanos, com formato diferente. Estavam apontando, mostrando-lhe algo lá no chão, na poeira estéril onde nada crescia. Era uma pedra. Escura como o muro, mas em cima dela, ou dentro dela, havia um número; era cinco, pensou de início, depois achou que era um, e então compreendeu o que era: o número primitivo, ao mesmo tempo unidade e pluralidade.

– Essa é a pedra fundamental – disse uma voz querida e familiar, e Shevek foi trespassado por uma alegria. Não havia

mais muro nas sombras, e ele sabia que havia voltado, que estava em casa.

Mais tarde, não conseguiu recordar os detalhes desse sonho, mas o ímpeto de alegria que o trespassou ele não esqueceu. Jamais sentira algo assim; tão firme era a certeza de sua permanência, como o vislumbre de uma luz que brilha constantemente, que ele nunca pensou naquela alegria como algo irreal, embora ele a tenha experimentado em sonho. Só que, por mais que tenha sido real *lá*, não conseguiu repeti-la, nem por força do desejo, nem por ato de vontade. Apenas se lembrou dela ao acordar. Quando tornou a sonhar com o muro, como às vezes lhe aconteceu, os sonhos eram sombrios e sem solução.

Eles tinham extraído a ideia de “prisões” de episódios de *A Vida de Odo*, que todos os que tinham optado por estudar história estavam lendo. O livro tinha muitos pontos obscuros, e não havia ninguém em Campina Vasta que soubesse história para elucidá-los; porém, quando chegaram aos anos de Odo no forte de Drio, o conceito de “prisão” tornara-se óbvio. E quando um professor itinerante de história veio à cidade, esclareceu o assunto, com a relutância de um adulto decente obrigado a explicar obscenidades a crianças. Sim, ele disse, prisão era um lugar onde o Estado punha as pessoas que não obedeciam às suas leis. Mas por que elas simplesmente não iam embora do lugar? Não podiam ir embora, as portas eram trancadas. Trancadas? Como as portas de um caminhão em movimento, para você não cair, burro! Mas o que eles *faziam* dentro de uma única sala o tempo todo? Nada. Não havia nada para fazer. Vocês viram fotos de Odo na cela da prisão em

Drio, não viram? A imagem da paciência desafiadora, a cabeça grisalha inclinada, as mãos cerradas, imóvel nas sombras abusivas. Às vezes os prisioneiros eram condenados a trabalhar. Condenados? Bem, isso significa que um juiz, uma pessoa a quem a lei concedia o poder, ordenava que fizessem algum tipo de trabalho braçal. Ordenava? E se eles não quisessem fazer? Bem, eles eram obrigados; se não trabalhassem, apanhavam. Um calafrio de tensão percorreu as crianças que ouviam, todas entre 11 e 12 anos de idade, que nunca tinham apanhado, nem visto alguém apanhar, exceto num acesso de raiva imediato e pessoal.

Tirin fez a pergunta que estava em todas as mentes:

– Quer dizer que um monte de gente batia numa única pessoa?

– Sim.

– Por que as outras não impediam?

– Os guardas tinham armas. Os prisioneiros, não – respondeu o professor. Falava com a contrariedade de alguém forçado a dizer coisas detestáveis, e constrangido por isso.

A simples atração pela perversidade reuniu Tirin, Shevek e três outros garotos. Garotas foram excluídas do grupo, e eles não saberiam dizer por quê. Tirin encontrara a prisão ideal, sob a ala oeste do centro de aprendizagem. Era um lugar onde cabia apenas uma pessoa sentada ou deitada, formado por três paredes das fundações e o teto, que era a parte de baixo do andar acima; como as fundações faziam parte de um contorno de concreto, o piso era uma continuidade das paredes, e uma placa pesada de cimento-espuma na lateral isolaria o lugar por completo. Mas tinham de trancar a porta. Experimentando, descobriram que duas estacas presas entre uma das paredes e

a placa lateral fechava o local de modo espantosamente definitivo. Ninguém lá dentro conseguiria abrir a porta.

– E a luz?

– Sem luz – disse Tirin. Falava com autoridade sobre essas coisas, pois sua imaginação o levava direto a elas. Usava todos os fatos que conhecia, mas não foi um fato que lhe concedeu essa certeza. – Eles deixavam os prisioneiros sentados no escuro, no forte de Drio. Durante anos.

– Ar, pelo menos – disse Shevek. – Essa porta se encaixa como uma tampa a vácuo. Temos que fazer um furo nela.

– Vai levar horas para a gente perfurar o cimento-espuma. De todo jeito, quem é que vai ficar tanto tempo nessa caixa a ponto de ficar sem ar?

Coro de voluntários e pretendentes.

Tirin olhou para eles, sarcástico.

– Vocês são todos loucos. Quem vai mesmo querer ser trancado num lugar desses? Pra quê? – Fazer a prisão tinha sido ideia dele, e isso a ele bastava; não se deu conta de que, para algumas pessoas, só imaginação não basta: elas precisam entrar na cela, precisam tentar abrir a porta impossível de abrir.

– Quero ver como é – disse Kadagv, um garoto de 12 anos com peito largo, sério, insolente.

– Use a cabeça! – zombou Tirin, mas os outros apoiaram Kadagv. Shevek pegou uma broca na oficina, e eles fizeram um buraco de dois centímetros na “porta”, na altura do nariz. Levou quase uma hora, como Tirin previra.

– Quanto tempo quer ficar lá dentro, Kad? Uma hora?

– Veja – respondeu Kadagv –, se eu sou o prisioneiro, não posso decidir. Não sou livre. Vocês é que têm que decidir

quando vão me deixar sair.

– Isso mesmo – disse Shevek, desanimado com essa lógica.

– Você não pode ficar muito tempo, Kad. Também quero a minha vez! – disse o mais jovem do grupo, Gibesh. O prisioneiro não se dignou a responder. Entrou na cela. Ergueram a porta e a colocaram no lugar com um estrondo, e prenderam as estacas, todos os quatro carcereiros martelando com entusiasmo. Amontoaram-se no buraco respiradouro para ver o prisioneiro, mas, como não havia luz dentro da prisão, exceto a que vinha do buraco, não viram nada.

– Não suguem todo o ar desse pobre idiota!

– Sopra um pouco de ar lá dentro pra ele.

– Solta um peido lá dentro pra ele!

– Quanto tempo ele vai ficar?

– Uma hora.

– Três minutos.

– Cinco anos!

– Faltam quatro horas para apagarem a luz. Acho que está bom.

– Mas eu quero a minha vez!

– Tudo bem, a gente deixa você aí dentro a noite inteira.

– Bem, eu quis dizer amanhã.

Quatro horas depois, arrancaram as estacas e soltaram Kadagv. Ele saiu tão dono da situação como quando entrara, disse que estava com fome e que aquilo não era nada; tinha apenas dormido a maior parte do tempo.

– Você faria de novo? – desafiou Tirin.

– Claro.

– Não, o segundo sou eu...

– Cale a boca, Gib. Então, Kad? Você entraria aí de novo, sem saber quando vamos deixá-lo sair?

– Claro.

– Sem comida?

– Eles alimentavam os prisioneiros – disse Shevek. – Isso é o mais esquisito de tudo.

Kadagv deu de ombros. Sua atitude de resistência superior era intolerável.

– Olhem aqui – Shevek disse aos dois garotos mais jovens –, peçam sobras de comida na cozinha. E tragam uma garrafa ou um pote cheio de água também. – Virou-se para Kadagv. – Vamos lhe dar um monte de coisas. Pode ficar o tempo que você quiser.

– O tempo que *vocês* quiserem – Kadagv corrigiu.

– Certo. Entre aí! – A autoconfiança de Kadagv despertou a veia satírica e teatral de Tirin. – Você é um prisioneiro. Não responde. Entendeu? Vire-se. Ponha as mãos na cabeça.

– Pra quê?

– Quer desistir?

Kadagv olhou-o com ar emburrado.

– Você não pode perguntar pra quê. Porque, se perguntar, podemos bater em você, e você vai ter que aceitar, ninguém vai te ajudar. Porque podemos chutar o seu saco e você não pode revidar. Porque *você não é livre*. E então, vai querer continuar até o fim?

– Claro. Podem me bater.

Tirin, Shevek e o prisioneiro ficaram se encarando, um grupo estranho e tenso em volta da lanterna, no escuro, em meio às paredes maciças da fundação do prédio.

Tirin sorriu com arrogância e cinismo.

– Não me diga o que fazer, seu explorador. Cale a boca e entre na cela! – E, quando Kadagv virou-se para obedecer, Tirin o empurrou pelas costas com o braço estendido, fazendo-o cair desajeitado. Ele soltou um grunhido agudo de surpresa ou dor e sentou-se, protegendo um dedo que arranhara ou torcera na parede do fundo da cela. Shevek e Tirin não falaram nada. Ficaram imóveis, sem expressão no rosto, em seus papéis de guardas. Agora não representavam um papel, o papel é que os representava. Os garotos mais jovens voltaram com pão de holum, um melão e uma garrafa de água. Chegaram conversando, mas o estranho silêncio na cela os emudeceu na hora. A comida e a água foram empurradas para dentro, a porta foi erguida e escorada. Kadagv ficou sozinho no escuro. Os outros se reuniram em volta da lanterna. Gibesh sussurrou:

– Onde ele vai mijar?

– Na cama dele – Tirin respondeu, com objetividade sardônica.

– E se ele tiver que cagar? – Gibesh perguntou, e subitamente caiu numa estrepitosa gargalhada.

– Que tanta graça você vê em cagar?

– Eu imaginei... e se ele não conseguir enxergar... no escuro... – Gibesh não conseguiu explicar totalmente sua fantasia cômica. Todos começaram a rir sem explicação, divertindo-se até perder o fôlego. Sabiam que o garoto trancado na cela estava ouvindo as risadas.

Já tinham apagado a luz do dormitório infantil, e muitos adultos já dormiam, embora aqui e ali houvesse luzes acesas nos domicílios. A rua estava deserta. Os garotos a percorriam dobrando-se de rir, berrando entre si, enlouquecidos com o prazer de compartilhar um segredo, de incomodar os outros,

de estarem unidos nas maldades. Acordaram a metade das crianças do dormitório com brincadeiras de pega-pega nos corredores e por entre as camas. Nenhum adulto interferiu; o tumulto logo cessou.

Tirin e Shevek ficaram cochichando por um bom tempo, sentados na cama de Tirin. Concluíram que Kadagv tinha pedido aquilo e ficaria preso duas noites inteiras.

O grupo deles se reuniu à tarde na oficina de reciclagem de madeira, e o chefe perguntou por Kadagv. Shevek trocou um olhar de relance com Tirin. Sentiu-se esperto, teve uma sensação de poder em não responder. Porém, quando Tirin respondeu calmamente que Kadagv devia estar em outro grupo naquele dia, Shevek ficou chocado com a mentira. A sensação secreta de poder de repente o deixou desconfortável: suas pernas coçaram, suas orelhas arderam. Quando o chefe lhe dirigiu a palavra, ele pulou de susto, de medo ou algum sentimento parecido, um sentimento que nunca experimentara, algo como vergonha, mas pior: íntimo e vil. Não parava de pensar em Kadagv, enquanto tapava e lixava os buracos das tábuas de três camadas de holum e lixava as tábuas até voltarem a ficar lisas como a seda. Toda vez que inspecionava sua mente, lá estava Kadagv. Era repulsivo.

Gibesh, que estivera de guarda, foi até Tirin e Shevek após o jantar, inquieto.

– Acho que ouvi Kad falando alguma coisa lá dentro. Com a voz meio esquisita.

Houve uma pausa.

– Vamos soltá-lo – disse Shevek.

Tirin virou-se para ele.

– Ora, Shev, não me venha com pieguice. Não seja altruísta! Deixe-o terminar e se respeitar até o fim.

– Que altruísmo, que nada! Quero respeito a mim mesmo – retrucou Shevek, e partiu para o centro de aprendizagem. Tirin o conhecia; não perdeu mais nenhum minuto discutindo com ele e o acompanhou. Os outros dois, de 11 anos, seguiram atrás deles. Engatinharam debaixo do prédio até a cela. Shevek arrancou uma estaca, Tirin, a outra. A porta da prisão caiu para fora com um baque.

Kadagv estava deitado de lado no chão, todo encolhido. Sentou-se, depois levantou-se bem devagar e saiu. Curvou-se mais do que o necessário sob o teto baixo e piscou bastante à luz da lanterna, mas parecia o mesmo de sempre. O fedor que saiu com ele era inacreditável. Por algum motivo, tivera diarreia. A cela estava uma bagunça, e havia manchas de matéria fecal amarela em sua camisa. Quando as viu à luz da lanterna, tentou escondê-las com a mão. Ninguém falou muito.

Quando já tinham engatinhado para fora das fundações do prédio e se dirigiam ao dormitório, Kadagv perguntou:

– Quanto tempo fiquei lá?

– Umas trinta horas, contando as quatro primeiras.

– Bastante tempo – disse Kadagv, sem convicção.

Depois de levá-lo para tomar banho, Shevek correu para o banheiro. Ali, inclinou-se sobre a privada e vomitou. Os espasmos só o deixaram após quinze minutos. Estava trêmulo e exausto quando cessaram. Foi até o salão comum do dormitório, leu um pouco sobre física e foi para a cama cedo. Nenhum dos cinco garotos jamais voltou à prisão debaixo do centro de aprendizagem. Nenhum deles jamais mencionou o episódio, exceto Gibesh, que se gabou para alguns dos garotos

e garotas mais velhos; mas eles não entenderam, e ele mudou de assunto.

A lua pairava alta acima do Instituto Regional de Ciências Nobres e Materiais do Poente Norte. Quatro garotos de 15 ou 16 anos estavam sentados no topo de um morro, por entre tufos rústicos de holum rasteira, olhando abaixo para o Instituto Regional e acima para lua.

– Estranho – disse Tirin –, eu nunca tinha pensado antes...

Comentários dos outros três sobre a obviedade dessa observação.

– Nunca tinha pensado – prosseguiu Tirin, inabalado – que existem pessoas sentadas num morro, lá em cima, em Urras, olhando para Anarres, para nós, e dizendo: “Olhe, lá está a lua”. Nosso planeta é a lua deles; nossa lua é o planeta deles.

– Onde, então, está a Verdade? – declamou Bedap, e bocejou.

– No topo do morro onde se estiver sentado – respondeu Tirin.

Todos continuaram fitando aquela pedra turquesa brilhante e vaga lá em cima, que não estava totalmente redonda, um dia após ter estado cheia. A calota polar norte faiscava.

– O norte está claro – disse Shevek. – Ensolarado. Aquilo é A-lo, aquela saliência marrom ali.

– Estão todas nuas, deitadas ao sol – disse Kvetur –, com joias no umbigo e sem cabelo.

Houve um silêncio.

Tinham ido ao topo do morro para companhia masculina. A presença de fêmeas lhes era opressiva. A impressão deles era que, ultimamente, o mundo estava cheio de garotas. Para todo